

*Crepúsculo — 1988 — xilogravura — 70 x 50 cm*

Hannah Brandt: obra aberta

Paulo Leonel Vergolino

Visitar o ateliê de um artista é vivenciar a arte: teoria e prática se juntam pelas mãos de um mestre para a concepção de uma obra maior, sua vida. Visitar o ateliê de Hannah Brandt, quando me convidou para conhecer o seu trabalho, foi percorrer um espaço único, subindo e descendo escadas, deparando-me com obras que formavam, em seu conjunto, um significativo painel de peças. Desenhos, aquarelas, pinturas e gravuras se misturavam em cores e formas, dispostas quase como em um museu. Falavam-me frutuosa e de arte.

Contudo, contavam-me também as histórias da vida de Hannah, uma mulher nascida na Alemanha, em Essen, em 1923, que tornara-se gravadora, pintora, desenhista e brasileira, como ela faz questão de enfatizar. Hannah, que naturalizou-se brasileira em 1941, mudou-se para São Paulo na década de 1930 para se tornar aluna regularmente matriculada nas aulas do Instituto

Profissional Feminino no Brás. Logo depois, de 1959 a 1969, estudou pintura e mosaico com Durval Pereira e Ted Derichs Hilgers, e gravura com Lívio Abramo e Maria Bonomi.

Recebeu bolsa do governo alemão em 1954, estudando por correspondência na *Commercial Art and Illustration*, da *Famous Artists School* em Westport — Estados Unidos. Há quase 60 anos como pintora, desenhista e gravadora, tendo a cidade de São Paulo como berço de sua criação artística, Hannah Brandt produz obras que, por ora, parecem tão simétricas quanto o seu próprio nome e, ao mesmo tempo, tão dinâmicas como sua própria história.

A artista possui uma obra refinada e metódica, catalogada de forma criteriosa em álbuns e arquivos pessoais — organização tal que nos leva a constatar a riqueza de seu conjunto artístico. Na gravura, a grande paixão da artista, nota-se a cla-

ra inclinação para a xilogravura. Entre 1950–1970, ela busca a temática social e mergulha no expressionismo em branco e preto. Aqui, seu trabalho é dramático, por vezes denso e emocional, utilizando-se da luz do papel em composições fartas de equilíbrio, quase matemáticas, e de pleno lirismo.

Posteriormente, utiliza-se da cor. Sua gravura passa a vislumbrar paisagens luminosas e composições de caráter abstrato, evocando, por vezes, formas ovoides, celulares e atávicas. A figura humana vai cedendo espaço à textura, aos gestos e ao requinte abstrato. É impressionante o jogo antagônico de calma e ebulição, de cheios e vazios, do real e espiritual. Surgem catedrais, totens, pássaros, vegetações, mitos e ritos que vão se edificando, se aglutinando e derramando sobre nós vários sorrisos e algum silêncio.

Premiada trinta e três vezes em salões e bienais, integrou mais de cem coletivas e mostras individuais no País, estando suas obras presentes nos acervos de variados museus brasileiros, entre os quais: Museu de Arte Brasileira da FAAP de São Paulo, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM); e coleções estrangeiras, como a Print Collection of San Francisco (EUA),

no Museu de Arte de Skopje (Iugoslávia), no Museu Nacional de Belas Artes (Chile) e no ETH (Suíça). Hannah foi sócia-fundadora do Núcleo dos Gravadores de São Paulo (Nugrasp). Em 1973, recebeu o prêmio Itamaraty na 12ª Bienal Internacional de São Paulo. Um ano depois, foi também premiada pela Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo e pelo Conselho Estadual de Cultura de São Paulo.

Fortuitamente, por aqui, encontramos artistas da envergadura de Hannah Brandt, que se debruçou sobre o mundo e nos devolveu arte. Escolheu a gravura, entre outras técnicas, como campo privilegiado e fértil de investigação artística e produziu obras maturadas que provam a importância dessa linguagem. O que vemos aqui é apenas uma pequenina centelha da multiplicidade de sua produção e que ainda está por descortinar-se. Portanto, façamos parte dessa história, a obra está aberta — está viva.

Paulo Leonel Vergolino

Especialista em Museologia e Curador Independente

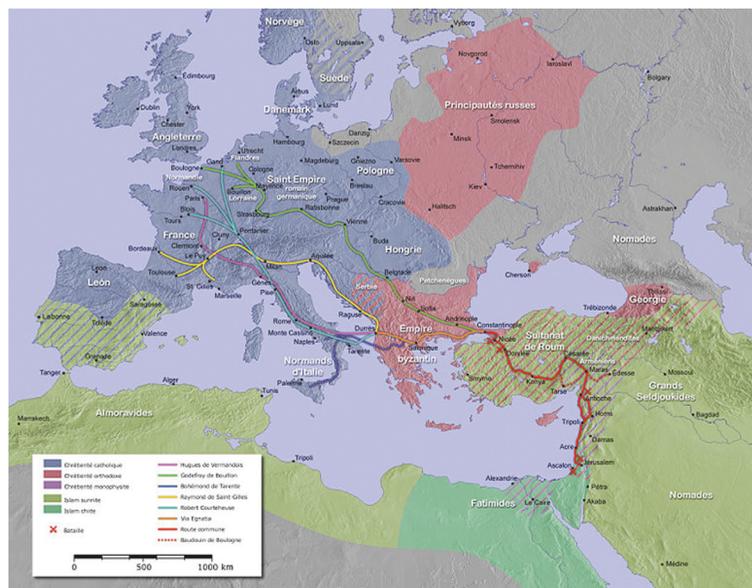
Os Cavaleiros Templários

M. I. Rollemberg

Parte I — Antecedentes

Os difusores da “boanova” nos primórdios do cristianismo previam grandes catástrofes, verdadeiros “apocalipses” para o final dos tempos, que prognosticavam para muito breve. O tempo — passando incólume — afastou tais temores, que voltavam, então, à baila, como prenúncio do final dos tempos ao cabo do primeiro milênio. Embora nada ocorresse, a Europa via-se diante de enormes desafios:

- Na ocasião existiam três destinos de peregrinação para os cristãos: Santiago de Compostela, Roma (daí o termo romaria) e Jerusalém. Até então os peregrinos visitavam Jerusalém com certa liberdade, apesar do enorme perigo de serem assaltados ou até assassinados naqueles ermos caminhos. Na Cidade Santa visitavam dois lugares especiais. No



Mapa da Europa e Oriente Médio à época da 1ª Cruzada

Monte Moriá há o chamado Templo do Senhor (*Templi Dominus*), Templo da cúpula ou Templo da pedra; segundo a tradição, foi sobre essa pedra que Abraão ameaçou sacrificar seu filho Isaac. Também dessa pedra Jacob viu em sonho uma escada em direção ao céu, da qual anjos subiam e desciam. Na tradição islâmica, o profeta Maomé teria partido desse ponto em um

ginete em direção ao céu. Em oposição a esse templo foi erguida a mesquita Al-Acsa, terceiro local sagrado dos muçulmanos após Meca e Medina, também chamada *Templi Salomonis*. O outro local de peregrinação estava situado no Gólgata, local do sacrifício de Cristo e seu túmulo. Durante a visita da rainha Helena, no século III, mãe do Imperador Constantino, foram encontrados restos do lenho no qual

Cristo teria sido crucificado. Por ordem do imperador foi construída nesse local a Basílica do Santo Sepulcro. No ano 1009, o califa fatímida Al-Hakim ordenou a destruição de todas as igrejas de Jerusalém, incluindo a Basílica do Santo Sepulcro.

• O ano 1054 assistiu ao Grande Cisma no seio da Igreja Cristã entre o ramo oriental e o ocidental, que gerou a Igreja Ortodoxa ou Grega Ortodoxa. Desde o ano 867, a igreja do leste contestava práticas da igreja ocidental romana. A mais importante contestação foi formulada pelo patriarca Cerulário no ano 1054. Assim, condenava particularmente: o uso de pão fermentado na eucaristia; a aprovação de qualquer carne para alimentação; a permissão para barbear-se e, sobretudo, o celibato clerical. Ao final, fez as observações: “(...) se vivem desta maneira, enfraquecidos por estes costumes, ousando praticar estas coisas que são fora da lei, proibidas e abomináveis, poderá, então, qualquer pessoa em são juízo incluí-los na categoria de ortodoxos? Obviamente não!”. O então Papa Leão IX enviou o Cardeal Humberto a Constantinopla para dialogar com Cerulário. Ante a inflexibilidade do Patriarca e por pressão do Papa, Humberto excomungou Cerulário, que, por sua vez, excomungou Humberto e o Papa. Estava sacramentado o Grande Cisma de 1054.

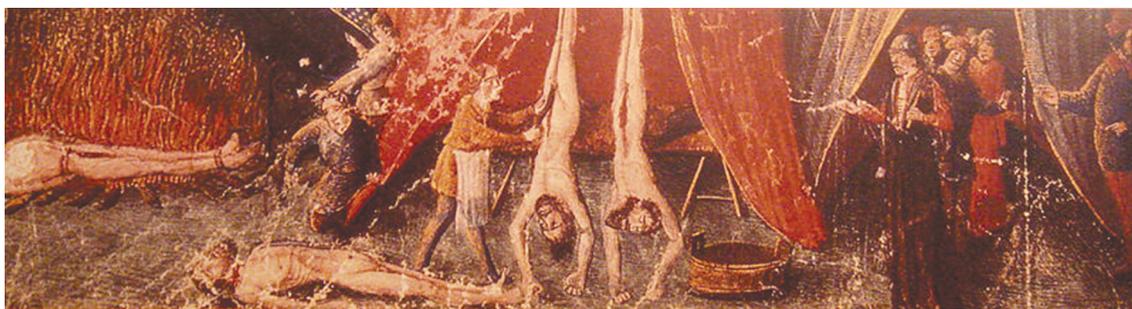
Uma das razões dessa separação devia-se ao fato de a igreja oriental submeter-se ao Imperador em Constantinopla, enquanto a igreja ocidental, naquela ocasião, reivindicava independência de ação do Estado e o direito de exercer regência moral sobre os reis e governantes. Assim, a bula papal de excomunhão do patriarca foi depositada no altar da igreja de Santa Sofia em Constantinopla. Houve retaliação do patriarca de Constantinopla e o cisma estava configurado. (Informações disponíveis em: < <http://www.solanoportela.net>>.)

• Um dos aspectos que contribuíram para o desenvolvimento da Cavalaria foi o fato de que os jovens que eram obrigados ao serviço militar não tinham condições de arcar com as despesas de manutenção de seus cavalos e de empunhar armas. O apogeu do Feudalismo, no século XI,

contribuiu para fortalecer ainda mais essa instituição. Os feudos passavam de geração em geração, de pais a filhos, e por herança transmitia-se a categoria de cavaleiro. Muitos dos senhores feudais, que por andarem a cavalo eram denominados cavaleiros, cometiam ignomínias, tais como pilhagens, violações e destruições, que desonravam a Cavalaria, uma vez que para eles não havia, àquela época, regras de conduta explícitas.

• Os árabes ocupavam todo o norte da África — desde o Estreito de Gibraltar até os confins do Oriente Médio —, já tendo os omíadas atravessado o Estreito de Gibraltar e ocupado praticamente toda a Península Ibérica, ameaçando a França, mas foram contidos em Poitiers. Na porção mais oriental, os fatímidas imperavam e, com os sultões egípcios, controlavam a Terra Santa até os confins da Anatólia, os quais viriam a conhecer uma nova “força” por meio dos turcos seldjúcidas, que já se encontravam em sua sede de Niceia, ameaçando diretamente o governo bizantino do oriente em Constantinopla. Nessas condições, o imperador romano Aleixo Comneno viu-se na contingência de pedir socorro urgente ao Papa Urbano II em 1095 d.C.

Diante desse fato, somado aos anteriores, o Papa Urbano II vislumbrou a possibilidade de reunir a cristandade e os poderes reinantes para organizar um exército que atendesse não só ao apelo do imperador mas também expulsasse os invasores “infieis”, propagando e restabelecendo os símbolos cristãos na Terra Santa, garantindo o livre acesso dos peregrinos e comerciantes ao Oriente Médio e, acima tudo, afirmando o poder papal e da nobreza europeia no Outmer. Para tanto, convocou o Concílio de Clermont-Ferrand, cuja afluência foi de tal natureza que as reuniões tiveram de ser realizadas ao ar livre, pois não existiam edificações que comportassem tão grande assistência. Estavam reunidos naquela assembleia representantes de todas as nações cristãs, nobres, cavaleiros e público em geral. Com a promessa de remissão dos pecados daqueles que se empenhassem naquela missão, somado ao fato de muitos nobres não terem nenhuma fortuna, uma vez que prevalecia a progenitura na qual o primeiro filho tinha direito a toda herança, além do



Conquista e pilhagem de Jerusalém



Torturas feitas pelos Cruzados

espírito de aventura e grande fervor religioso da época, ao cabo das perorações de Urbano II, aquela multidão em uníssono bradou “Assim Deus o quis!”.

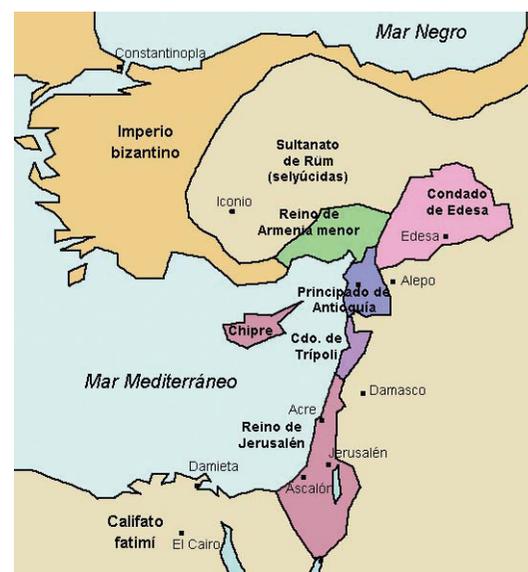
Imediatamente foram iniciados os preparativos para o que ficou conhecido como Cruzadas, cujo nome deveu-se à vestimenta branca dos Cavaleiros, na qual adicionavam uma cruz.

Na época havia grande número de personagens ascéticas granjeadas de enorme respeito. O mais conhecido, Pedro, o eremita, congregou alguns cavaleiros, velhos, mulheres e crianças, que, sem nenhuma formação bélica, a não ser o entusiasmo religioso, lançaram-se em direção à Terra Santa. Sua chegada a Constantinopla foi um verdadeiro caos, do qual com dificuldade o Imperador se livrou. Ao adentrarem em Anatólia foram presas fáceis do sultão turco Kilig Arslon, que os dizimou, matando cerca de 20.000 deles e vendendo ou escravizando as restantes mulheres, jovens e crianças.

Porém, logo em seguida, por meio de quatro levas de exércitos de nobres e cavaleiros, os Cruzados abriram caminho em direção à Terra Santa, afastando os turcos e restabelecendo o Império Bizantino, criando o Condado de Edessa, o Principado de Antióquia, o Condado de Trípoli e, finalmente, o Reino de Jerusalém, após mais de dois anos e meio de lutas mortíferas. O cerco final a Jerusalém foi dramático, tendo o sultão mandado queimar os campos e envenenado os poços de água, sendo a conquista da cidade feita com incrível ferocidade e elevada mortalidade.

“As pilhagens, violações, destruições feitas (devido ao fanatismo, à ignorância e à ânsia de obter riquezas a qualquer

preço) em Constantinopla e, depois, na Terra Santa (1095 a 1099) em nome da fé católica vieram justificar amplamente a instituição de severas regras de conduta para todos aqueles que ambicionassem fazer parte da nobre Ordem de Cavalaria. Assim, a fusão do ideal religioso das cruzadas com o espírito da Cavalaria deu origem às Ordens Militares religiosas!” (AMARANTE, Eduardo. In: *Templários: de milícia cristã à sociedade secreta*. Sintra: Zéfiro, 2007).



Mapa da Anatólia e Oriente Médio após a 1ª Cruzada

M. I. Rollemberg
Médico Cirurgião

Uma Entrevista Médica em Amparo

Fábio Leite Vichi

Médico e paciente tinham nascido em Amparo, a primeira coincidência do caso. Os dois estavam na chamada terceira idade, ou seja, com mais de 60 anos, o que novamente os aproximava. Ambos eram falantes, saudosistas, conhecidos de muito tempo, admiradores recíprocos, mas nunca conversaram de forma longa e confidencialmente. Uma quase inibição e timidez do agora cliente impediu esse tipo de relacionamento, por vezes muito difícil.

O doente não aparentava nada de muito grave, mas como as aparências muitas vezes enganam, o médico prestava muita atenção e não aparentava pressa. O cliente foi o primeiro a falar:

— Sabe que certo dia eu notei que precisava me consultar com um médico? Minha saúde sempre foi boa até que passei a ficar muito nervoso. É um nervosismo que não passa. Não consigo ficar parado. Meu coração bate muito descompassado e passei a dormir pouco. Minhas pernas incham, mas às vezes estão secas. Ando muito triste, mas só por dentro. Eu fumava, mas falaram que o fumo só faz mal e, por isso, resolvi deixar o vício.

— Mas qual é a sua maior queixa, falou o médico, demonstrando interesse pelo consultante.

— Sabe que não sei!? O certo é que não estou bem. Acredito que o que mais me incomoda são as tonturas. Ah, ia me esquecendo das dores nas costas, de alto para baixo. A idade também atrapalha. Não sei a causa, mas minha boca ficou amarga e piora quando como jaca, especialmente com água. Eu vivo com problemas, até acho que o problema é a minha maior queixa! Sinto-me inferior, sempre ajo como se corresse veneno em meu sangue. Chego a pensar mesmo que sou um quadrúpede. Às vezes sinto a coluna travada e o meu corpo todo atacado de acidez.

— Noto que seu caso é complicado. Você anda com problemas demais, se bem que é pior ainda não ter nenhum problema. Você o que faz para passar o tempo? Como anda a parte econômica? Acho que demorou muito a se consultar. Tinha medo de médicos? O que eu não gostei mesmo foram dos inchaços. Acorda inchado ou isso acontece mais de tarde?

— Os dois! Não encontro nada para fazer o tempo passar. Até acho que ele nem passa, quem passa sou eu. Tudo é tão rápido que nem uso mais relógio. Gostava de pescar, mas os peixes do rio Camanducaia desapareceram. Até ouvir dizer que há muito jacaré por lá. Os amigos estão morrendo.

Às vezes eu chegava até a beber, de preferência pinga, que é barata, mas me falaram que pode dar cirrose e como tenho medo dessa doença não bebo mais nada. Ouvi falar que em muitos casos a cirrose só aparece quando se faz exame de sangue, mas no meu caso o que aumentou foi o açúcar. Há casos de açúcar alto no sangue e a pessoa não ter diabetes? Se eu tiver diabetes deve ser do tipo extrapolado. Minha mãe e os irmãos dela foram diabéticos, mas tenho certeza de que eu não sou.

— O seu caso é muito confuso, mas muito interessante. Diante disso, um fator positivo é que nunca desmaiou e nunca chorou. Também acredito que a sua memória é boa, não anda tremendo, sobe bem escadas e nunca caiu!

— Tudo isso é engano! Acho meu caso péssimo. Desmaiei duas vezes. Para eu chorar basta contar qualquer tristeza. Ando caindo e subo escadas se tiver corrimão. Nunca tive memória pior, esqueço-me de quase tudo. Quando me lembro, esqueço depois. Já esqueci, durante a consulta, o seu nome completo várias vezes.

— É Cid, falou o médico exasperado e impaciente.

— Eu sei agora. É Cid Cintra Pereira, não é?

— Não. Acertou o primeiro, mas errou os outros. Desde que nasci, aqui mesmo em Amparo, é Cid Burgos!

— Eu sei... não precisa ficar nervoso. Meu caso começou assim e, desde então, só piorou. Ainda não contei que meus rins estão secando. Falaram para tomar muita água e é o que faço. Minha serenidade acabou. O colesterol de meu sangue está altíssimo, dizem até que está fora de controle. Desconfio que isso aconteceu porque como muita sardinha com escabeche. Estou tomando muito chá, especialmente de vercidreira. É bom ou mal?

— Chá de quê?

— Uns falam que o nome é erva-cidreira, mas eu conheço como vercidreira. Será que muito chá não ataca os nervos ou faz a gente tremer?

— Acho que não, mas faz urinar demais. Gosta de mingau de fubá? Come muito tomate? E quiabo? E fígado? Anda com muito cansaço? Tem medo de alguma coisa?

— Como de tudo, mas não engordo nem emagreço. Tenho medo de estar sofrendo do coração. Canso e não canso. Tenho uma dor no peito que mais parece ser no estômago. Outro medo muito grande é de ter varizes internas e, sem saber, estar com arritmias. Acha que eu sou neurótico? Pode falar a verdade.

— Não é não, eu é que devo ser neurótico em ouvir suas bobagens por tanto tempo. Acho que quadrúpede é seu pai e quem tem diabetes extrapolado é sua mãe. Os dois, nem com chá de vercidreira vão melhorar. Eu acho que você deve procurar outros médicos ou, como diz a gíria, “baixar em outro centro”. Meus conhecimentos não são suficientes para tratar você e daqui eu vou direto me internar em um hospício de doentes mentais, de preferência no Sanatório Ismael, e não quero nunca receber visita sua. Para mim chega...

— Nunca fui tão bem tratado em toda a minha vida. Saio daqui satisfeito e feliz. Minha alegria é tanta que até gostaria

de sair voando. Mas antes que a consulta termine, veja se algum colega seu pode me internar também no Sanatório Ismael, que tem a grande vantagem de ficar perto da minha casa...

— É mesmo um caso perdido, balbuciou o médico.

Fábio Leite Vichi

Médico, Docente Aposentado da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-USP

Sonhos e Verdades

Afiz Sadi

Volto-me a pensar nos teus lábios doces e minha própria alma pede ternura. Sonho novamente, então surge a imagem do Hafiz, o poeta do amor, quando solicita a aproximação da mulher do seu pensamento por um só minuto, porque talvez a união seja difícil. Estou com minha alma afogada no mar da minha tristeza. As lágrimas, embora líquidas e feitas para secar difusas, caem-me dos cílios trêmulos e seguem em verdadeiras ondas, mas sei que não conseguirão acompanhar a memória daqueles que se ausentaram. Tudo isso acontece porque teus olhares amorosos não se voltam para Afiz, o sonhador em uma crueldade inqualificável.

Então, bebi o vinho, mas o vinho tinto que bebi estava amargo; sem dúvida meu coração pulsava taquicárdico, ébrio pela tua beleza. Quando acariciei com todo afago teus cabelos longos e sedosos, meu coração ficou teu prisioneiro para toda minha vida.

São verdades e utopias; são sonhos sonhados na embriaguez da alma, quando o espírito se alquebra e o coração domina a mente, perdendo-se o controle cerebelar.

Desperta-se do sonho, exaurido e triste pelo apagamento das figuras, e pensa-se taciturno: “são restos de um passado longínquo e pensamentos urdidos de lembranças arraigadas, talvez de um tempo de sonhos e quimeras ou verdadeira verdade vivida até os dias atuais, fotografada na memória e indestrutível até o final dos tempos.

Pensei desde há muito que, se substituísse esse passado dantanho, os meus ancestrais transformados, redivivos, apontariam-me o futuro após o desencarne daquela que em vida foi a mãe inesquecível, a oferta, a bondade, a dádiva para o surgimento do último amor.

Cumpro as propostas, as determinações, pois meu ser, meu querer, meu saber as fazem com orgulho e o “ego” assaz insuflado.

É na verdade a metade da tua vida.

Ela é uma surpresa para a eternidade.

A vida é sempre uma surpresa, deveras. Cumpre-se durante toda sua passagem exígua. Surpresa feliz ao estrugir da vida. Excelsa vida sempre uma surpresa vívida e feliz, na surpresa da própria vida quando naturalmente vivida.

Oh! Vida áurea sempre tola e uma surpresa.

Não vê que sua passagem pela própria vida é surpresa.

Surpresa da tua vida ter vivido perenemente na surpresa dos sonhos, das quimeras e, quiçá, do amor verdadeiro.

Afiz Sadi

Médico Urologista, Membro da Academia Cristã de Letras

O Coração e as Emoções

Hudson Hübner França

Eu imagino que a primeira vez em o homem primitivo percebeu seu coração foi em um momento de emoção. Ante a fera que lhe rondava a caverna ou diante do inimigo que se aproximava, sentiu bater dentro do peito, violentamente, alguma coisa que não conhecia. Pouco tempo depois, movido pela curiosidade, identificaria no peito aberto de um inimigo agonizante ou em uma caça recém-abatida aquilo que tanto o intrigara.

Mais tarde, em outro tempo e lugar, alguém chamaria essa “coisa” de coração.

Na antropologia bíblica, o coração é visto como a sede do pensamento e emoção.

Conta a lenda que, na Babilônia, um jovem príncipe, filho do rei Antíoco, ficou gravemente enfermo, sem que os médicos de sua terra pudessem diagnosticar o seu mal. Foi chamado, então, o ateniense Erasítrato, o mais famoso médico da época. Depois de algum tempo, Erasítrato descobriu a causa da doença do príncipe ao perceber que seu pulso se acelerava bruscamente toda vez que entrava em seus aposentos a bela Estratônica, segunda esposa de seu pai.

Santa Tereza D'Ávila — santa e poetisa espanhola —, diz a história, morreu subitamente, por rotura do coração, enquanto rezava, em um êxtase místico.

Estudo feito na Austrália mostrou que as mulheres que ficavam viúvas, nos dois anos subsequentes à viuvez, tinham morbidade e mortalidade maiores que aquelas que não enviuvaram.

Na semana seguinte ao grande terremoto de São Francisco, em 1906, a morte súbita na cidade, que era, em média, cinco por dia, passou a 25.

A síndrome de Da Costa se confunde com o *soldier's heart*, em que a opressão precordial, dor, palpitações são desencadeadas por evocação de lembranças pregressas desagradáveis, as quais deflagram manifestações cardíacas e emocionais.

No terrorismo das Torres Gêmeas, em Nova York, e no furacão Katrina, em Nova Orleans, morreu mais gente em lugares afastados do ato terrorista, dos ventos e inundações que nos locais atingidos.

A mídia, recentemente, noticiou a morte súbita de uma mãe ao receber telefonema anunciando o sequestro falso de seu filho, e de um pai, quando soube do assassinato do seu filho em assalto.

Há pouco tempo atendi, na Clínica Obstétrica da Faculdade em que trabalho, uma primigesta, no sexto mês de

gravidez, com cardiopatia hipertensiva. Na tarde dessa interconsulta, ao saber da morte fetal, sua pressão foi a 220x170 e teve parada cardíaco-respiratória.

Em 1768, Heberden descreveu a angina de peito “*as a special disturbance in which the chest pain was of a peculiar modality and was often accompanied by psychic phenomena most striking of which was a fear of impending death (angor animi)*”.

Há dores mais fortes que a da angina. Nenhuma, porém, se acompanha desta sensação de morte iminente, que se deve à relação íntima, de dupla via, entre o coração e o sistema límbico.

Lesões cerebrais — particularmente hemorragia e tumores — com frequência se acompanham de alterações no eletrocardiograma (onda T cerebral).

No Japão, em 1995, nas duas semanas seguintes a um grande terremoto, verificou-se em habitantes da região aumento da pressão arterial, aumento da viscosidade sanguínea e de fatores da coagulação (aumento do hematócrito, do fibrinogênio, do fator von Willebrand e do D-dímero).

A emoção, quando monitorada, acompanha-se de alterações no eletrocardiograma e na cintilografia miocárdica.

Emoções violentas — a mais citada é a perda de filho — podem desencadear morte súbita, edema agudo de pulmão, infarto e choque cardiogênico (*takotsubo; broken heart; transient left ventricular ballooning; transient stress cardiomyopathy*).

Metanálise publicada em 2006 mostra que 20% dos pacientes com infarto agudo do miocárdio apresentam depressão nervosa.

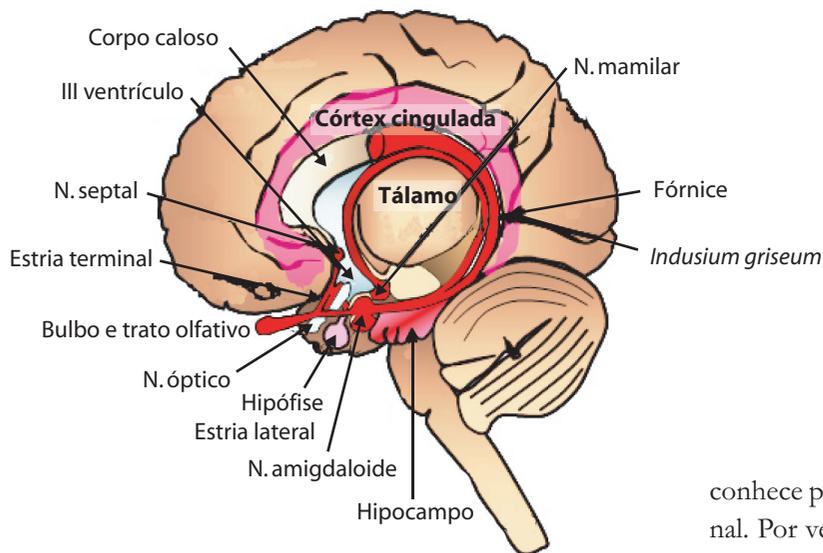
No Congresso do American College of Cardiology — Chicago, 2008 — uma pesquisa mostrou ser o aniversário de morte de um familiar próximo — particularmente pai ou mãe — importante fator desencadeante de morte súbita em membros da família.

O Sistema Límbico é formado por estruturas variadas — diversidade anatômica e funcional — que se dispõem no cérebro, no entorno do ventrículo.

Essas estruturas mantêm extensa rede da comunicação entre si e com estruturas mais distantes: córtex cerebral, bulbo, medula espinhal, nervos periféricos e sistema nervoso autônomo. Além disso, comunicam-se com o sistema endócrino por meio da hipófise.

O Sistema Límbico recebe impulsos e informações de todo os setores do organismo. Esses estímulos induzem

Esquema do Sistema Límbico



respostas adequadas à qualidade da informação, embora nem sempre proporcional, em sua intensidade, à intensidade do estímulo recebido. Ademais, armazena memória das informações recebidas, a qual, com frequência, escapa à percepção consciente.

Com os estímulos que recebe e a evocação de lembranças armazenadas, o Sistema Límbico elabora emoções que desencadeiam reações psíquicas e somáticas variadas que determinam e modificam o comportamento do indivíduo.

Essa reação neuro-humoral leva à Síndrome de Adaptação ou Reação de Stress.

Nessa reação, há aumento de catecolaminas que produzem taquicardia e aumento da pressão arterial, com maior trabalho cardíaco e, conseqüentemente, maior consumo de oxigênio pelo miocárdio. Dependendo de sua intensidade e das condições do aparelho cardiovascular, podem sobrevir arritmias, infarto, falência ventricular ou morte súbita.

Ao mesmo tempo, aumentam as taxas plasmáticas de glicose, cortisol, gorduras; há maior agregação plaquetária, disfunção endotelial e, com isso, condições para a formação de trombos e oclusão vascular.

Os efeitos dessa reação neuro-humoral dependem não só de sua natureza e intensidade mas também da sensibilidade e resiliência do indivíduo em que operam.

O sistema nervoso central, por suas estruturas profundas, mantém contato com o mundo exterior, modula emoções e comportamentos, muitas vezes de modo subliminar, alheio à consciência.

Nós, homens, somos muito ciosos de nossa inteligência, de nossa racionalidade. No entanto, a inteligência é apenas um dos múltiplos instrumentos de que dispomos para apreender a realidade. Há aspectos do mundo que não são acessíveis à razão e só podem ser conhecidos por outros meios, outras ferramentas.

Um bebê que mama no seio da mãe a conhece perfeitamente — sem que nisso haja algo de racional. Por vezes, começamos uma pesquisa científica por intuição; só depois surge a laboração racional.

Caso se analise o rosto de uma pessoa querida, racionalmente, observando a inclinação da comissura labial, a abertura das pálpebras, a assimetria das orelhas, seguramente se perderá a beleza apreendida de modo amoroso.

Tal fato também acontece com a poesia:

*Ó mar salgado, quanto de teu sal
São lágrimas de Portugal:
Por te cruzarmos, quantas mães choraram.
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!*

Se analisarmos esse poema dissecando palavras, versos e métrica, podemos chegar ao número de litros e galões de lágrimas necessários para salgar o oceano, mas nunca se saberá a dor da mãe, esposa e noiva que perderam companheiros e filhos no mar imenso e desconhecido.

Hudson Hübner França

*Professor Titular de Cardiologia da
Faculdade de Medicina de Sorocaba,
Membro da Academia de Medicina de São Paulo*

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] e Luiz Celso Mattosinho França

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.